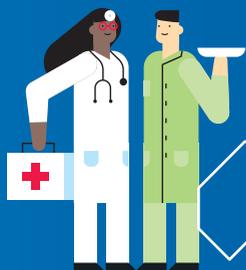


A saúde que os brasileiros querem



Pesquisa realizada pelo PoderData avaliou a percepção da população em relação aos serviços oferecidos pelo SUS (Sistema Único de Saúde) e pela saúde suplementar do país



Uma iniciativa



2022: O ANO DE OUVIR A SAÚDE



Sumário

Apresentação O ano de ouvir a saúde e o brasileiro	2
4 entre 10 reprovam saúde no Brasil	4
45% aprovam o SUS, mas apontam carências	6
Exame e consulta: desafios de 8 entre 10 usuários	8
Maioria dos usuários não tem acesso a medicamentos gratuitos.....	10
Falta de médico é a principal queixa de quem vai a postos de saúde.....	11
Saúde é prioridade dos brasileiros, mas 71% não fazem atividade de prevenção.....	13
Usuários divididos na avaliação sobre planos de saúde	14
Para usuários, qualidade dos profissionais conta mais na hora de avaliar hospital.....	17
73% dos brasileiros gastam até 33% da renda com despesas de saúde.....	19
Pouco envolvimento em atividades preventivas acende alerta	21
População quer mais remédio e inovação	22
Expediente	24

APRESENTAÇÃO |

O ano de ouvir a saúde e o brasileiro

Das urgências que se levantam dia a dia na vida do brasileiro, a saúde ganhou ainda mais importância nos últimos 2 anos. O ineditismo do desafio imposto pela pandemia da covid-19 exigiu das assistências pública e suplementar dinamismo nas ações e rigoroso critério nas decisões. O foco foi estancar as chagas de um quadro sanitário em constante alerta contra iminentes colapsos.

As demandas emergiram no arraste das ondas de contágio. Ainda recentemente, em janeiro de 2022, com a chegada da variante ômicron, o cenário mostrava-se resiliente ao arrefecimento das estatísticas sobre um vírus que já tinha causado a morte de mais de 620 mil pessoas no país. Em abril, a soma superava 660 mil óbitos, segundo levantamento das Secretarias Estaduais de Saúde.

Naquele mês de janeiro, a taxa de ocupação de alas para os infectados alcançou até 95% nos hospitais privados. Felizmente, os esforços empreendidos ao longo do biênio já tinham surtido efeito, graças à reconfiguração das equipes e dos espaços de atendimento, à disponibilidade de insumos e ao avanço da vacinação contra a covid-19. Nestes 2 últimos anos também, o setor identificou a relevância de integrar sistemas, estreitando a parceria entre entes públicos e privados.

Inegável é, portanto, que a pandemia transformou a saúde em uma das principais prioridades da sociedade. Mais do que nunca,



anahp

associação nacional
de hospitais privados





Metodologia

Os dados da pesquisa “O que pensam os brasileiros sobre a saúde no Brasil?” foram coletados entre os dias 1º e 8 de abril de 2022, por meio de ligações telefônicas, adotando seleção aleatória do discador e IVR (Interactive Voice Response).

Foram entrevistadas 3.056 pessoas acima de 16 anos em 388 municípios nas 27 unidades da Federação, sendo que 83% são usuários do SUS e 17%, da saúde suplementar, mesmos percentuais do universo pesquisado.

A margem de erro é de 2 pontos percentuais e o intervalo de confiança é de 95%. Foi aplicada ponderação paramétrica para compensar desproporcionalidades nas variáveis de sexo, idade, grau de instrução, região e renda.

Alguns resultados da pesquisa foram arredondados. Devido a esse processo, é possível que o somatório de algum dos resultados para algumas questões seja diferente de 100.

o setor deve estar no centro das discussões e das propostas que serão destaques nas eleições de 2022. Em razão disso, a **Anahp** (Associação Nacional de Hospitais Privados) lançou neste ano a campanha “**2022: o ano de ouvir a saúde**”.

Como parte dessa mobilização, a **Anahp**, em parceria com o **PoderData** -empresa de pesquisa do **Poder360**-, estruturou um levantamento sobre a qualidade da saúde no Brasil. O estudo, parte retratado nesta revista, expõe um panorama sobre o que os usuários esperam das estruturas, dos postos nas comunidades aos complexos hospitalares nos grandes centros, divididos em avaliações da saúde geral no Brasil, do SUS (Sistema Único de Saúde) e da saúde suplementar.

Além da análise de números, este conteúdo ensina a reflexão dos candidatos a cargos executivos e legislativos. Um diagnóstico importante para se pensar a saúde dos brasileiros nos próximos anos.

Avaliação da saúde no Brasil

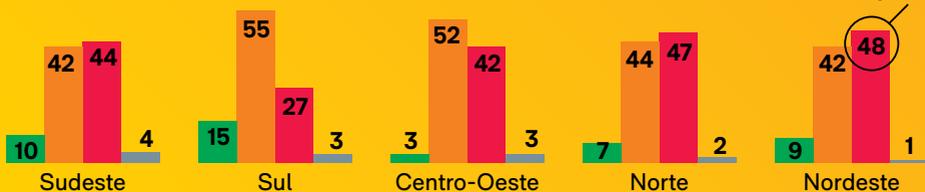
De maneira geral, como você avalia a situação da saúde no Brasil?

Em %

Menos de 10% dos brasileiros consideram a saúde como ótima ou boa



Por região (%)



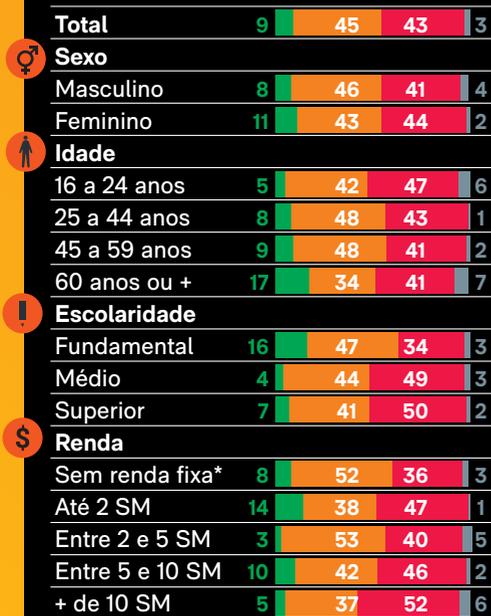
Maior % de ruim/péssimo

4 entre 10 reprovam saúde no Brasil

Avaliação ruim ou péssima é feita por 43% do público pesquisado, que reúne usuários do SUS e da saúde suplementar. Apenas 9% analisam quadro como “bom” ou “ótimo”

Resultados por sexo, idade, escolaridade e renda

● Ótimo/bom ● Ruim/péssimo
● Regular ● Não sabem



*inclui desempregados

Avaliação é melhor entre usuários do SUS



Instrução

Quanto mais alta a escolaridade, maior o índice de insatisfação, que chega a 50% entre os que têm nível superior

A situação da saúde no país é considerada “ruim” ou “péssima” por 43% dos usuários do SUS e da saúde suplementar. Essa é a avaliação que predomina entre o público pesquisado, ao lado da classificação “regular”, indicada por outros 45%. Apenas 9% da população analisa o quadro como “bom” ou “ótimo”, e 3% não responderam à pergunta.

A estratificação por nível de instrução expressa que, quanto mais alto o grau de escolarização, maior é a percepção negativa da saúde. Entre o grupo que concluiu o nível superior, atribuíram a classificação

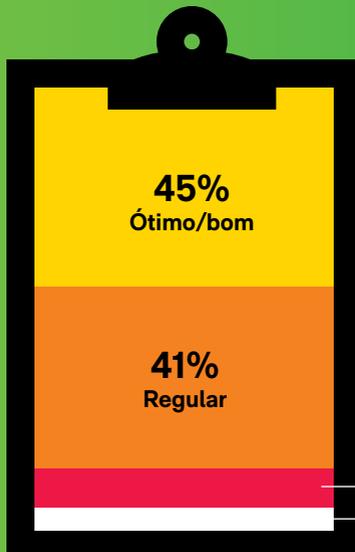
“ruim/péssima” 50% dos respondentes, 16 pontos percentuais a mais do que a apurada entre aqueles que possuem apenas o nível fundamental (34%).

Nas análises que incidem sobre a faixa etária, os números demonstram que jovens se apresentam mais críticos às condições da saúde brasileira: 47% dos que têm entre 16 e 24 anos consideram-na “ruim/péssima”, posicionando a taxa de reprovação nesse público acima da média nacional. Nas categorias seguintes, os percentuais decaem para 43% (25-44 anos), 41% (45-59 anos) e 41% (60 anos ou mais).

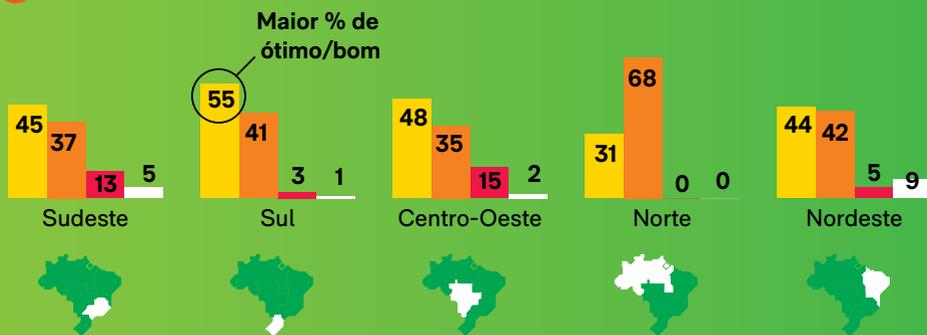
Avaliação do atendimento do SUS

Você diria que o atendimento que recebeu foi... (somente quem utilizou o SUS nos últimos 12 meses)

Em %



Por região (%)



45% aprovam o SUS, mas apontam carências

População do Sul é a mais satisfeita. Já no Norte, maioria dos usuários considera serviço regular. Fazer exames e marcar consultas são os principais desafios

Resultados por sexo, idade, escolaridade e renda

● Ótimo/bom ● Ruim/péssimo
● Regular ● Não sabem

Total	45	41	9	5
Sexo				
Masculino	49	43	7	1
Feminino	42	40	10	8
Idade				
16 a 24 anos	54	39	5	2
25 a 44 anos	33	54	6	7
45 a 59 anos	53	31	10	6
60 anos ou +	58	26	15	1
Escolaridade				
Fundamental	51	34	7	7
Médio	43	45	9	2
Superior	25	61	12	2
Renda				
Sem renda fixa*	48	41	9	2
Até 2 SM	39	44	11	5
Entre 2 e 5 SM	50	45	4	1
Entre 5 e 10 SM	54	43	1	1
+ de 10 SM	44	31	13	13

*inclui desempregados



Escolaridade

51% das pessoas com ensino fundamental aprovam a saúde pública no país



Jovens (16-24 anos)

54% acham a saúde pública ótima ou boa

5% disseram que é ruim ou péssima



Quem reprova mais

- Mulheres: **10%**
- Usuários com nível superior: **12%**
- Faixa que ganha acima de 10 SM: **13%**

O atendimento prestado pelo SUS é avaliado como “ótimo/bom” por 45% dos usuários que tiveram acesso aos serviços nos últimos 12 meses. Outros 41% analisam tal assistência como “regular”, 9% apontam-na como “ruim” ou “péssima”, e 5% não sabem responder.

O maior índice de aprovação é constatado no Sul do país, onde 55% concederam as melhores avaliações. Já o menor percentual para “ótimo/bom” foi registrado no Norte (31%). Diferentemente das outras áreas geográficas, a classificação que lá predomina é a “regular”, dada por 68% dos entrevistados.

As regiões em que a percepção “ruim” ou “péssima” teve maior incidência foram Centro-Oeste (15%) e Sudeste (13%), mas mesmo assim, também nesses locais, esses índices ficaram aquém das respostas mais favoráveis.

A análise por nível de instrução revela que, quanto mais elevada a formação educacional, mais rigorosa é a opinião sobre esse item. Dos que concluíram o nível superior, 25% acham o atendimento do SUS “ótimo” ou “bom”, metade da porcentagem verificada entre o grupo com ensino fundamental (51%).

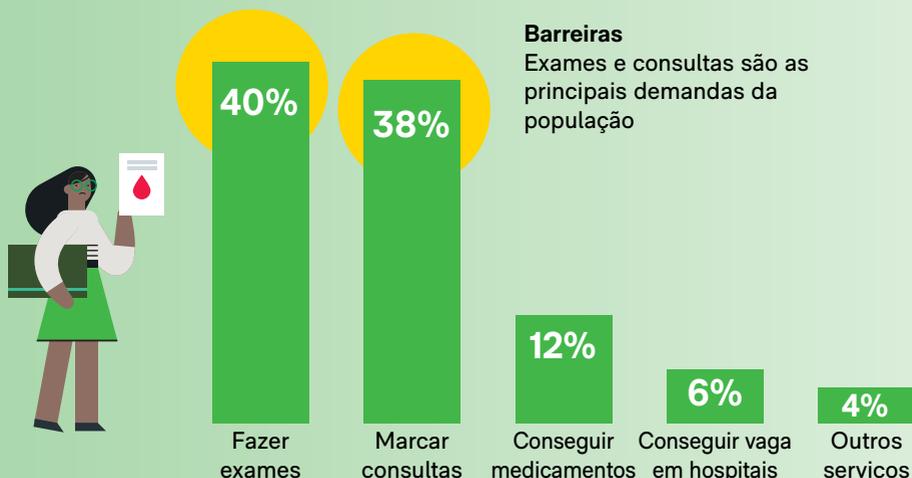
Exame e consulta: desafios de 8 entre 10 usuários

Dificuldade de acesso a serviços lidera ranking de queixas. Público que ganha acima de 10 salários mínimos aponta problema para garantir vaga em hospital

Dificuldades no SUS

O que é mais difícil para você conseguir quando precisa de um serviço de saúde pelo SUS? (somente usuários do SUS)

Em %



Ter acesso a exames e agendar as consultas são os principais desafios enfrentados pelos usuários do SUS. Juntas, essas dificuldades foram mencionadas por 8 a cada 10 pessoas (78%) ouvidas na pesquisa, alcançando índices semelhantes entre si, respectivamente, de 40% e 38%.

Com percentuais menores, surgem em seguida as demais barreiras: conseguir medicamentos (12%), vaga em hospitais (6%) e outros serviços (4%).

Na apuração por renda, 38% dos que ganham acima de 10 salários mínimos di-

zem deparar-se com percalços para garantir vaga no hospital, a 2ª opção mais citada por esse público, ficando atrás apenas do agendamento de consultas (50%). Esse resultado, em específico, é bem mais expressivo do que o observado nos outros grupos.

Quando perguntados se já tiveram dificuldades para agendar consulta ou procedimento no SUS nos últimos 12 meses, 62% dos entrevistados disseram que sim, e 38% apontaram que não. Relataram essa queixa 73% dos homens e 54% das mulheres.



Por região



	Sudeste	Sul	C. Oeste	Norte	Nordeste
Marcar consultas	44	40	28	38	29
Fazer exames	28	50	51	52	46
Conseguir medicamentos	18	2	5	7	12
Conseguir vaga em hospitais	7	0	10	1	9
Outros serviços	3	8	6	2	4

Quer mais consultas

O Sudeste é a região onde essa demanda predomina, com 44% das citações



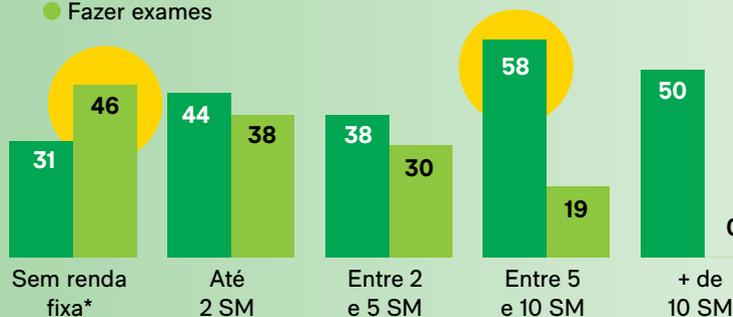
Quer mais exames

População do Norte anseia por mais acesso ao serviço: 52% relatam percalços



Por faixa de renda

- Marcar consultas
- Fazer exames



Menor renda

Desempregados e pessoas que não têm remuneração fixa são os que acusam mais restrições para acesso a exames



2ª maior renda

Agendar consulta é a principal dificuldade de quem ganha de 5 a 10 SM, o maior índice entre as faixas pesquisadas

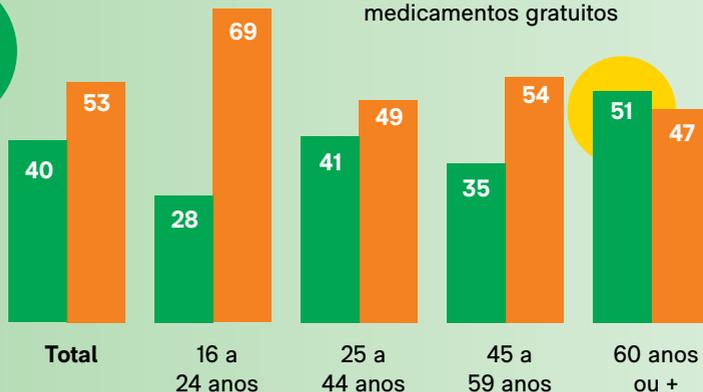
*inclui desempregados

Acesso a medicamentos

Você tem acesso a medicamentos gratuitamente?
(somente usuários do SUS)

Em %

- Sim
- Não



Maioria dos usuários não tem acesso a medicamentos gratuitos

Pessoas sem renda ou desempregadas são as que menos contam com o benefício. Faixas intermediárias registram as mais altas participações

Mais da metade da população que utiliza os serviços do SUS (53%) não tem acesso a medicamentos gratuitos. Também no universo pesquisado, 40% dos entrevistados disseram que conseguem receber os produtos sem pagar por eles, e outros 7% não souberam responder.

As faixas de renda intermediárias são as que mais fazem uso da gratuidade: 55% dos que ganham entre 2 e 5 salários mínimos e 56% dos que são remunerados entre 5 e 10 salários mínimos. Nos demais segmentos, os percentuais ficam próximos entre si: 35% dos desempregados ou sem

renda fixa, 35% do grupo contemplado com até 2 salários mínimos e 38% dos posicionados acima do patamar de 10 salários. Pessoas que não têm renda são as que menos contam com o benefício, 59%.

No comparativo por região, o Sul concentra a maior porcentagem de pessoas com acesso aos medicamentos, 58%. Na outra ponta, está o Norte, onde verificou-se o mais baixo índice, 31%. Destaca-se, ainda, que as 2 áreas geográficas são as que apresentam, respectivamente, o maior e o menor número de aprovações sobre o atendimento do SUS –leia nas páginas 6 e 7.

Nos postos de saúde

Em geral, do que você sente mais falta no seu posto de saúde do SUS?

(somente usuários do SUS)

Em %

Sentem mais falta de:

Médicos **43%**

Medicamentos **28%**

Equipamentos apropriados para exames **26%**

Sentem falta de médicos



Idade

16 a 24 anos		51
25 a 44 anos		45
45 a 59 anos		35
60 anos ou +		40

Região

Sudeste		40
Sul		64
Centro-Oeste		35
Norte		39
Nordeste		39

Carência

Reclamação é mais presente entre os jovens e no Sul



PODER
DATA

Falta de médico é a principal queixa de quem vai a postos de saúde

Demanda é citada por 43% dos que frequentam os estabelecimentos. Escassez de medicamentos e equipamentos para exames também é destaque

A ausência de médicos é a maior carência dos usuários dos postos de saúde – 4 a cada 10 pessoas (43%) apontam o déficit no número de profissionais como a queixa mais relevante. Completa o ranking a falta de medicamentos (28%), de equipamentos apropriados para exames (26%) e de outros itens (4%).

Ao menos 6 a cada 10 usuários (64%) que ganham entre 2 e 5 salários mínimos dizem sentir necessidade de mais médicos nessas estruturas. A reclamação também predomina nas faixas anteriores – 37% no público desempregado ou sem renda fixa e 46% dos que contam com até 2 salários mínimos.

A dificuldade mais mencionada por quem é remunerado entre 5 e 10 salários mínimos é a demanda por medicamentos, destacada por 61%. Já aqueles que recebem acima de 10 salários assinalam como desafio primordial a escassez de equipamentos adequados para exames nos postos de saúde, componente ressaltado por 33%.

Atividades de prevenção

Você participa de alguma atividade focada na prevenção e promoção da saúde como ir à academia ou fazer exercícios? (somente usuários do SUS)

Em %



Sedentarismo

7 a cada 10 usuários não fazem exercícios físicos. Só 23% dos que ganham até 2 SM têm esse cuidado

Dinamismo

Prevenção é maior entre os que ganham acima de 10 SM e na faixa etária de 45 a 59 anos

Por idade, renda e região

Idade

16 a 24 anos	15
25 a 44 anos	27
45 a 59 anos	40
60 anos ou +	30

Renda

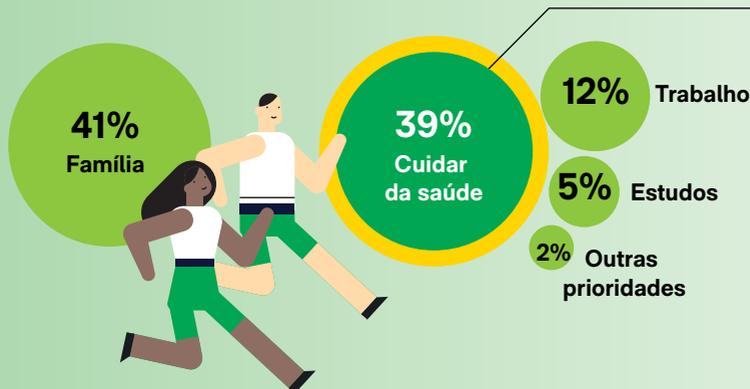
Sem renda fixa*	31
Até 2 SM	23
Entre 2 e 5 SM	36
Entre 5 e 10 SM	43
+ de 10 SM	63

Região

Sudeste	38
Sul	30
Centro-Oeste	18
Norte	22
Nordeste	20

Prioridades da vida

Hoje em dia, qual é a principal prioridade da sua vida? (somente usuários do SUS)



Saúde é prioridade dos brasileiros, mas 71% não fazem atividade de prevenção

Cuidado com a saúde é item destacado dentre os principais focos da população. Em contrapartida, minoria pratica atividades físicas ou vai à academia

Os brasileiros atendidos pelos SUS apontam a saúde como um bem por eles priorizado na vida, mas a ampla maioria (71%) não faz atividades voltadas à prevenção e promoção de cuidados, como ir à academia ou praticar exercícios físicos.

Os dados da pesquisa revelam que “cuidar da saúde” é item destacado por 39% dos entrevistados, ao lado de “família”, que obteve 41% das menções. Na sequência, em quantitativos inferiores, estão trabalho (12%) e estudos (5%).

À medida que se eleva a faixa etária, maior é a preocupação sobre as condições de saúde: 24% (16-24 anos); 36% (25-44 anos), 43% (45-59 anos) e 54% (60 anos ou mais).

Esse também é o foco principal do público desempregado ou sem renda fixa (44%). Nas 3 faixas posteriores, o percentual declina para 38% (até 2 salários mínimos)

(8%), 28% (entre 2 e 5 salários mínimos) e 8% (entre 5 e 10 salários mínimos). Neste último grupo, “família” sobressai-se, com 71% das respostas.

O levantamento mostra, ainda, que 1 a cada 4 pessoas (25%) que recebe acima de 10 salários mínimos tem como prioridade o cuidado com a saúde. Para esse grupo, desponta como preocupação número 1 o trabalho (31%).

Na análise sobre a prevenção, o viés demonstra que, quanto maior a renda, maior a prática dessas atividades, que chega a 63% dos que recebem mais de 10 salários mínimos, o dobro do resultado constatado no grupo dos desempregados ou sem renda fixa (31%). A parcela fica em 36% no grupo que tem de 2 a 5 salários mínimos mensais e em 43% na faixa de 5 a 10 salários mínimos.

Tem o cuidado com saúde como prioridade (por faixa de renda)



Foco
Preocupação das pessoas sem renda fixa ou desempregadas é maior do que a média entre os públicos

*inclui desempregados

Avaliação do plano de saúde

Como você avalia o seu plano de saúde? (somente quem utilizou o plano de saúde nos últimos 12 meses)

Em %



Por região (%)



Usuários divididos na avaliação sobre planos de saúde

5 em cada 10 brasileiros que pagam pela saúde suplementar estão satisfeitos. Melhores avaliações são dadas pelo público do Norte do país (64%)

Resultados por sexo, idade, escolaridade e renda

● Ótimo/bom ● Ruim/péssimo
● Regular ● Não sabem

Total	53	32	12	3
Sexo				
Masculino	47	32	17	4
Feminino	60	32	6	2
Idade				
16 a 24 anos	48	33	13	6
25 a 44 anos	39	37	23	1
45 a 59 anos	54	40	4	1
60 anos ou +	77	10	4	8
Escolaridade				
Fundamental	21	53	21	6
Médio	54	22	23	1
Superior	56	35	4	4
Renda				
Sem renda fixa*	80	10	10	1
Até 2 SM	49	31	16	3
Entre 2 e 5 SM	41	48	11	1
Entre 5 e 10 SM	55	26	19	0
+ de 10 SM	70	21	7	1

*inclui desempregados



Quem aprova mais

- Mulheres: 60%
- Pessoas 60+: 77%
- Usuários com nível superior: 56%
- Sem renda fixa ou desempregados: 80%



Mais ricos

70%

dos que ganham acima de 10 SM acham assistência ótima ou boa



Quem reprova mais

- Pessoas de 25-44 anos: 23%
- Usuários com ensino médio: 23%
- Faixa que ganha entre 5 e 10 SM: 19%

PODER
DATA

A saúde suplementar é aprovada por 5 a cada 10 usuários do serviço -53% consideram a qualidade dos serviços “ótima” ou “boa”. Outros 32% avaliaram-na como “regular”, 12% conferiram-lhe classificação “ruim” ou “péssima”, e 3% não souberam responder.

Na apuração por região, o maior índice de satisfação foi registrado no Norte do país -64% (ótimo ou bom). Ressalta-se que essa área geográfica é a que concentra também a menor taxa de aprovação para a saúde pública (31%) -leia nas páginas 6 e 7. O Centro-Oeste registra as percepções

mais negativas (18%).

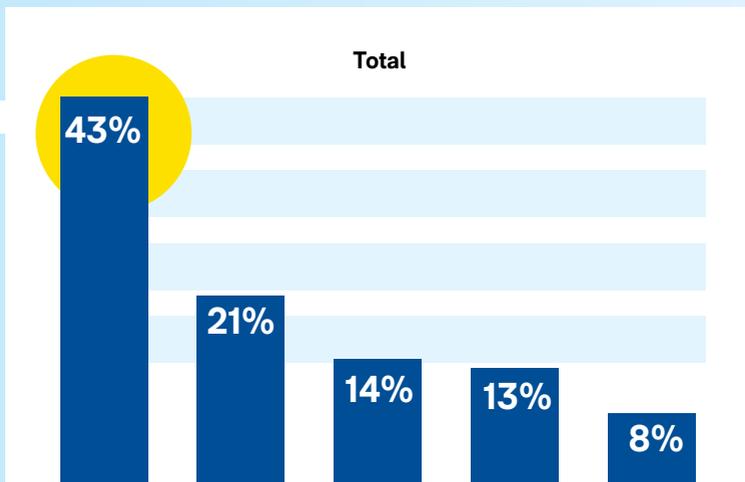
A sondagem por renda mostra que as perspectivas mais positivas encontram-se nas faixas antagônicas: 80% dos desempregados/sem renda fixa e 70% entre os que ganham acima de 10 salários mínimos. Nos grupos intermediários, o resultado fica em 49% (até 2 salários mínimos), 41% (entre 2 e 5 salários) e 55% (entre 5 e 10 salários mínimos).

Observa-se também maior presença de insatisfeitos na classe remunerada de 5 a 10 salários mínimos, 19% apontam que as condições são ruins ou péssimas.

Avaliação dos hospitais

O que você considera mais importante na hora de avaliar um hospital? (somente usuários de plano de saúde)

Em %



Por região e idade

Região	A qualidade dos profissionais	Estrutura física dos hospitais	Tecnologias disponibilizadas pelo hospital	Indicadores de qualidade	Outros
Sudeste	44	20	11	12	14
Sul	40	18	18	12	12
Centro-Oeste	50	9	22	17	2
Norte	43	50	4	4	0
Nordeste	42	21	17	18	2

Idade	A qualidade dos profissionais	Estrutura física dos hospitais	Tecnologias disponibilizadas pelo hospital	Indicadores de qualidade	Outros
16 a 24 anos	19	58	6	9	8
25 a 44 anos	60	8	15	13	4
45 a 59 anos	31	18	14	20	18
60 anos ou +	55	13	21	8	3

Profissionais

Qualidade das equipes é mais decisiva no Centro-Oeste e para quem tem de 25 a 44 anos



Estrutura física

Conta mais pontos na avaliação dos moradores da Região Norte e entre os jovens de 16 a 24 anos

Para usuários, qualidade dos profissionais conta mais na hora de avaliar hospital

Parâmetro exerce influência determinante tanto nas mulheres quanto nos homens. 3 faixas de renda também prezam mais pelo preparo dos recursos humanos

O atributo mais decisivo para o público da saúde complementar na hora de avaliar um hospital é a qualidade dos profissionais. Segundo a pesquisa, 4 a cada 10 usuários (43%) apontaram essa característica como a mais importante. O resultado é superior ao dobro do obtido pelo 2º traço mais mencionado, a estrutura física das instituições de saúde, que concentrou 21% das respostas. Em seguida, surgem tecnologias disponibilizadas (14%), indicadores de qualidade (13%) e outros (8%).

No comparativo entre homens e mulheres, constata-se que o 2º parâmetro de maior relevância para eles são as tecnologias (21%), ao passo que para elas é a estrutura física (32%). A qualidade dos profissionais mantém-se na dianteira em ambos os perfis -41% entre a população masculina e 45% entre a feminina.

Esse aspecto, que preza pelos recursos humanos, também prepondera nas citações de 3 faixas de renda envolvidas na pesquisa -61% entre os desempregados ou sem remuneração fixa, 50% dos que ganham entre 2 e 5 salários mínimos e 60% daqueles que recebem acima de 10 salários mínimos.

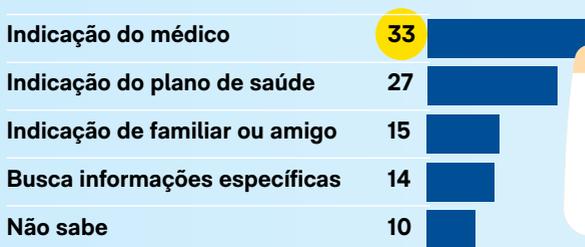
Já a estrutura física exerce maior influência para os contemplados com até 2 salários mínimos (48%), enquanto as tecnologias são evidenciadas como fator principal para os que contam com 5 a 10 salários mínimos mensais (42%).

Segundo o levantamento, os médicos exercem um papel decisivo na escolha de um hospital pelo paciente: 33% optam por um determinado estabelecimento hospitalar graças à indicação médica. Na sequência, é citado o plano de saúde, com 27%.

Escolha de hospitais

Especificamente dentro do seu plano, como você escolhe o hospital dentro das opções que o plano oferece? (somente usuários de plano de saúde)

Em %



Influência
Indicação do médico é determinante para a maioria na hora de fazer a opção



Renda e planos de saúde

Em média, quanto você gasta da sua renda mensal com despesas de saúde, como plano, consultas e exames?

(somente usuários de plano de saúde)

Em %



Por sexo, idade, escolaridade e renda

	Até 25% da renda	De 25% até 33%	De 33% até 50%	Mais de 50%	Prefere não responder
Sexo					
Masculino	70	7	6	10	7
Feminino	47	23	21	3	6
Idade					
16 a 24 anos	48	23	24	2	3
25 a 44 anos	77	11	5	3	4
45 a 59 anos	61	7	13	13	7
60 anos ou +	38	24	16	9	12
Escolaridade					
Fundamental	49	31	5	2	14
Médio	57	8	19	11	5
Superior	63	14	12	6	5
Renda					
Sem renda fixa*	3	45	16	13	23
Até 2 SM	48	20	24	3	5
Entre 2 e 5 SM	69	7	8	12	4
Entre 5 e 10 SM	70	11	8	8	4
+ de 10 SM	71	11	10	4	5

*inclui desempregados



Orçamento

7 a cada 10

homens usam até 25% da renda para pagar saúde suplementar. Proporção é menor entre as mulheres: 5 entre 10

Idade

77%

dos usuários de 25 a 44 anos destinam até 1/4 dos seus ganhos para a assistência

+ de 50% da renda

13%

do grupo dos que têm 45-59 anos, a maior incidência entre as faixas etárias



73% dos brasileiros gastam até 33% da renda com despesas de saúde

59% da população pesquisada reserva até 25% de sua remuneração para os serviços. Outros 14% destinam valores que variam de 25% a 33% dos ganhos

Sete a cada 10 brasileiros (73%) usuários da saúde suplementar gastam até 33% da renda mensal para pagar pela assistência. Na análise que desagrega as 2 faixas de consumo mais incidentes, verifica-se que 59% do público pesquisado destina até 25% dos seus ganhos, e 14% aportam valores que correspondem a 25% a 33% da remuneração mensal. Outros 13% injetam de 33% a 50% dos seus recursos para a despesa, 7% encaminham mais de 50% do que ganham para o custeio, e 6% preferiram não responder.

Aplicam mais da metade da renda 13%

dos que estão desempregados/sem renda fixa, 3% dos remunerados com até 2 salários mínimos, 12% dos que recebem de 2 a 5 salários mínimos, 8% do grupo que conta com 5 a 10 salários mínimos e 4% da faixa que tem garantidos mais de 10 salários mínimos mensais.

Na apuração por região, a fatia que reserva até 25% da renda é maior no Nordeste (69%), no Sul (63%) e no Centro-Oeste (61%). No Norte e no Sudeste, essa parcela também predomina, mas com proporções ligeiramente mais baixas, de 57% e 52%, respectivamente.

Atividades preventivas – plano de saúde

Você participa de alguma iniciativa de prevenção e promoção de saúde pelo seu plano de saúde? (somente usuários de plano de saúde)

Em %



Por sexo, idade, escolaridade e renda

Sexo	Não	Sim
Masculino	83	17
Feminino	87	13

Idade	Não	Sim
16 a 24 anos	89	11
25 a 44 anos	88	13
45 a 59 anos	86	14
60 anos ou +	76	24

Escolaridade	Não	Sim
Fundamental	91	9
Médio	84	16
Superior	84	16

Renda	Não	Sim
Sem renda fixa*	77	23
Até 2 SM	88	12
Entre 2 e 5 SM	87	13
Entre 5 e 10 SM	87	13
+ de 10 SM	77	23

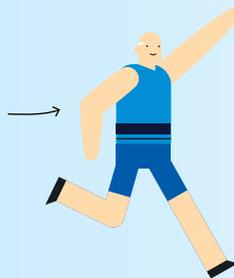
*inclui desempregados



Presença

24%

do grupo 60+ garante participação, maior fatia entre as faixas etárias



Ausência

9 entre 10

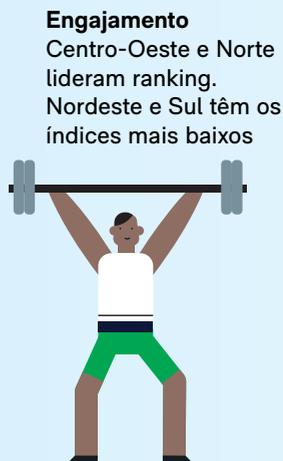
usuários com ensino fundamental não participam de atividades preventivas

Por região



Minoria

Presença em atividades é de, no máximo, 20% nas regiões brasileiras



Pouco envolvimento em atividades preventivas acende alerta

Prática é baixa em todos os grupos. Nove a cada 10 mulheres não estão envolvidas. Falta de engajamento chega a 89% entre o público de 16 a 24 anos

Apenas 15% dos usuários participam das iniciativas preventivas oferecidas pela saúde suplementar visando ao cuidado e promoção à qualidade de vida. O trabalho para engajar esse público se mostra ainda mais desafiador quanto mais jovem é o grupo.

Dos que têm de 16 a 24 anos, 89% não participam dessas ações, percentual semelhante às 2 faixas etárias imediatamente posteriores –88% entre aqueles com idade que varia de 25 a 44 anos e 86% do perfil de 45 a 59 anos. Do segmento com 60 anos ou mais, o índice decresce, mas ainda assim se mantém em patamares elevados,

registrando 76% de abstenção.

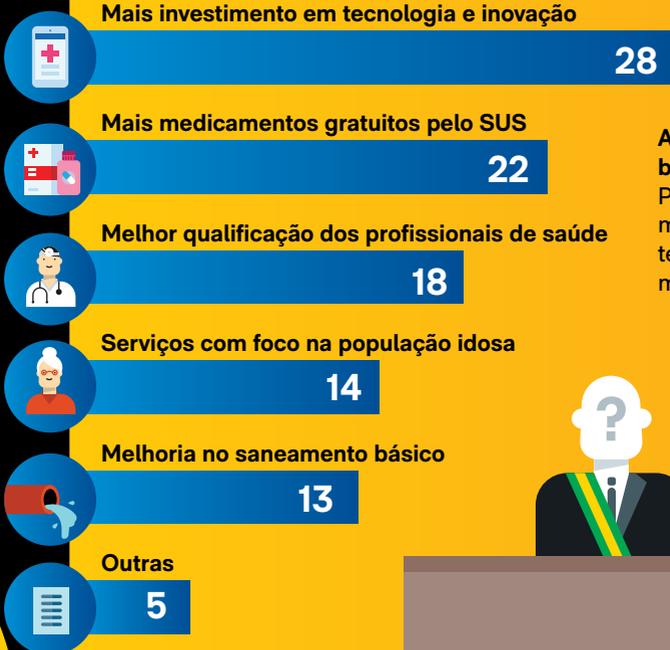
Na averiguação entre as populações feminina e masculina, os dados mostram que 87% das mulheres e 83% dos homens não se envolvem nas atividades.

Sob o prisma das faixas de renda, verifica-se índice de 88% entre os que contam com até 2 salários mínimos. Tanto entre os que ganham de 2 a 5 salários mínimos quanto entre os que recebem de 5 a 10, o percentual é de 87%.

No contingente de desempregados/sem renda fixa e acima de 10 salários mínimos, 77% não estão mobilizados.

Prioridades para o próximo governo

O que você deseja que seja a principal prioridade do próximo governo na área da saúde? (total da amostra)
Em%



Anseio do brasileiro
População quer mais inovação/tecnologia e medicação



População quer mais remédio e inovação

Demandas são as principais prioridades que o próximo governo deve ter, aponta o público ouvido. Saneamento básico tem relevância para atendidos pela saúde complementar

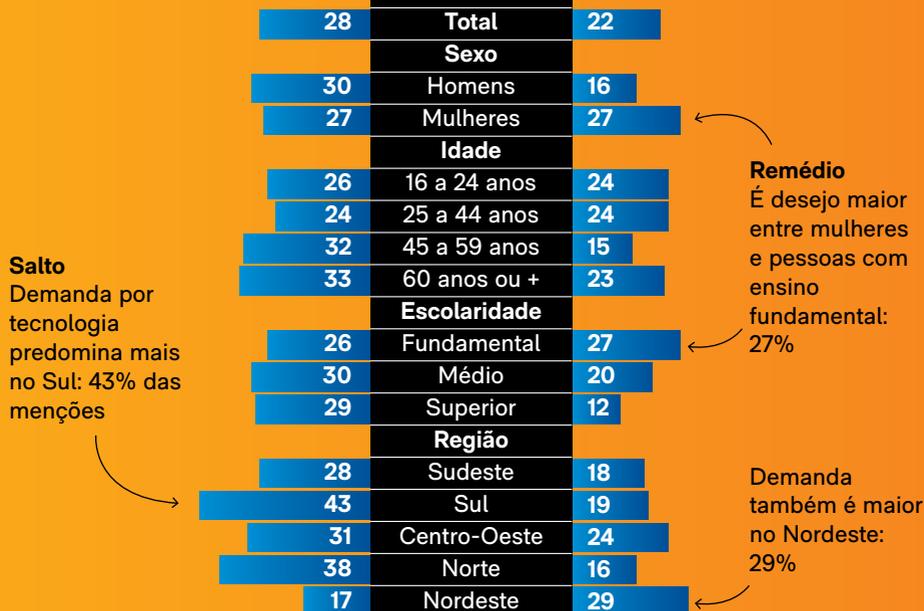


Mais investimento em tecnologia e inovação



Mais medicamentos gratuitos pelo SUS

Por sexo, idade, escolaridade e região



Metade da população quer que o próximo governo priorize no setor de saúde os “investimentos em tecnologia e inovação” e a distribuição de “mais medicamentos gratuitos pelo SUS”. As demandas foram sublinhadas, respectivamente, por 28% e 22% do total das pessoas consultadas pelo levantamento, que ouviu usuários da saúde pública e da saúde suplementar. Na sequência, surgem a melhor qualificação profissional, citada por 18%, os serviços com foco na população idosa (14%), a melhoria no saneamento básico (13%) e outras prioridades (5%).

No grupo dos que são contemplados

pelo SUS, 24% almejam que a próxima gestão federal garanta mais remédios e 29% esperam por mais tecnologia e inovação. Esta última demanda é também a mais visada por quem utiliza a saúde suplementar, sendo citada por 24% dessa população. O item desponta ao lado de “saneamento básico”, que é elencado como elemento preponderante por 22%, o dobro do verificado entre os assistidos pelos SUS (11%).

A qualificação profissional foi indicada como fator que merece mais atenção por 17% do público do SUS e por 21% dos que buscam a saúde suplementar.



Conselho de Administração Anahp

Presidente

Eduardo Amaro | Hospital e Maternidade Santa Joana (SP)

Vice-presidente

Henrique Neves | Hospital Israelita Albert Einstein (SP)

Fernando Ganem | Hospital Sírio-Libanês (SP)

Fernando Torelly | Hcor (SP)

Henrique Moraes Salvador | Hospital Mater Dei (MG)

Mohamed Parrini | Hospital Moinhos de Vento (RS)

Paulo Junqueira Moll | Hospital Memorial São José (PE)

Rafael Borsoi Leal | Hospital Santa Lúcia (DF)

Romeu Cortes Domingues | Hospital São Lucas (RJ)

Conselho Fiscal Anahp

Antonio Alves Benjamin Neto | Hospital Meridional (ES)

Dario A. Ferreira Neto | Hospital Edmundo Vasconcelos (SP)

Hilton Roese Mancio | Hospital Tacchini (RS)

Suplente

Eduardo Queiroz Jr. | Hospital Santa Izabel – Santa Casa da Bahia (BA)

Conselho de Ética

José Antonio de Lima

José Henrique Germann Ferreira

Reynaldo Brandt

Edição

Diretoria Técnica da Anahp

Evelyn Tiburzio

Helena Capraro

AVISO LEGAL

Este conteúdo foi desenvolvido pela **Anahp** (Associação Nacional de Hospitais Privados) em parceria com o **Poder360**. Todos os direitos são reservados. É proibida a duplicação ou a reprodução deste material, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web ou outros), sem permissão expressa da Associação.

CONTEÚDO
PATROCINADO

PODER
DATA

Diretor de Redação
Fernando Rodrigues

Diretora
Mariângela Gallucci

Diretor-executivo
Mateus Netzel

Diretora Comercial
Selma Casagrande

Diretor do PoderData
Rodolfo Costa Pinto

Edição
Zainer Silva

Projeto gráfico,
ilustrações e infografia
Mario Kanno

Textos
Andréia Pegoretti

Imagem
Pexels

Revisão
Andréia Pegoretti,
Carla Sá,
Samanta Nogueira e
Zainer Silva



Uma iniciativa



anahp

associação nacional
de hospitais privados

**2022: O ANO DE OUVIR
A SAÚDE**

